

FÃO

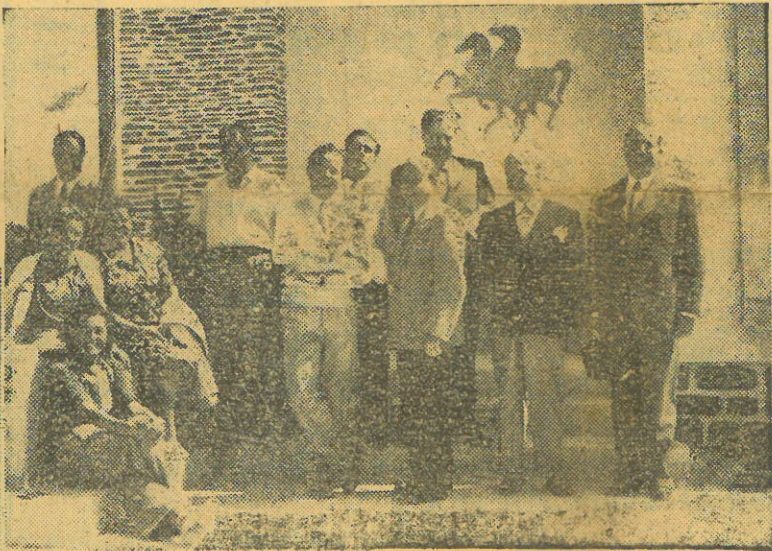
— grande centro turístico do futuro

A' obra maravilhosa da Natureza juntou-se agora a iniciativa entusiástica dos homens

(Do nosso enviado especial)

Quando os jornalistas em Março deste ano visitaram a Praia de Fão — lá ao Norte, a poucos quilómetros da Ponta de Varzim, fronteira a Esposende — estavam longe de conceber aquilo que de então até hoje ali se fez — numa ansia de progresso, de renovação, que consola ver, que louvores merece.

Fadou-a prodigamente a Natureza. Fão é uma praia «sui-generis». As suas qualidades naturais não têm conta. Mar de maravilha, manso como um cordeiro, chegando ao areal quasi pedinço lícença, tão suave e tão leve é a sua entrada; um



Em cima, os primeiros convidados do novo restaurante-bar, que em baixo se vê.

rio de lença correndo ali á vista do monte de S. Lourenço, que mais favorece a variedade de panoramas que se nos oferecem; um pinhal espesso, rebelde e indomável, traço de união entre o Oceano e o Óvaco, que se juntam mais além...

A Natureza tudo isto dera á linda Praia de Fão. A ela não mais se podia pedir! O que faltava — isso sim! — era que a descobrissem, que a soubessem ver com olhos de ver os homens de acção. A esses competia, com o seu entusiasmo e com a sua iniciativa, completar a obra — porque o que feito estava era o principal.

E os homens de acção surgiram — para bem de Fão, dando-lhe com o seu esforço, com a sua devotada dedicação, aquelas condições que tornariam possível o milagre, agora palpável, visível aos olhos de todos.

Em Março — dizíamos — estavam os jornalistas que a visitaram bem longe de supor o que Fão seria daí a escassos cinco meses. Tão mal habituados estamos! Nêsse período, pensamos, estabelecer-se-ia talvez um plano, elaborar-se-iam alguns projectos — e ganhar-se-iam forças para a tarefa a encetar mais tarde. Seria o costume.

E todos nós, jornalistas que lá estivemos nessa altura, embora sorrindo de gozo ao entrever, pelos dados que nos forneciam, o que aquilo poderia ser de maravilhoso, não deixamos também de trazer á face, nêsse sorriso, um pouco de cepticismo...

Verificamos agora, jubilosamente, que nos enganaramos. Aqui se faz o acto de contrição!... Sinceramente, com entusiasmo.

Fão está mudada. De praia originária, em que tudo era obra da Mãe-Natureza, transformou-se, como por encanto, num privilegiado centro de turismo — que é preciso badalar, que cumpre destacar, exaltando quem deitou ombros á tão louvável como patriótica empresa. Nasceu ali uma nova zona turística — como uma nova era nasceu para Fão. Este ano de 1945 ficará para sempre, na história da secular e brazonada praia, como um marco militar a balizar uma época.

Dizer o que há feito em Fão, é tarefa ingrata. Só aquarelista de segura técnica, de apurada visão e de variegada paleta nos poderia dar uma ideia aproximada do que aquilo é — e do que se adivinha que venha a ser...

Aquêlê pinhal, que nasceu para ali á sorte, sem preocupações de qualquer espécie, guarda hoje em si uma vintena de acolhedoras vivendas, que são a semente do futuro. Daquí a um ou dois anos, não

estarão ali vinte — que o numero em breve se multiplicará. Serão sessenta, se não oitenta — um cento, mais... E será então a altura de recordar como Fão acordou, despertaça por quem muito lhe quere!

Espalhadas pelo pinhal, por êle encobertas, perdidas entre o mar e o rio, á vista de um e de outro, essas casitas mais se assemelham áquelas que os bazares vendem para os miúcos brincarem mas que são afinal sonho ambicionado de graudos... Autenticos ninhos de amor, a tentar casais de noivos! O que se pode fazer, quando se quere, em escassas dezenas de dias!

Mas o plano é vasto, grandioso, antiquado sempre pelo entusiasmo inicial que tornou possível o que já se fez. Não custa a crer, por isso, que venham a ser realidade, em prazo curto, todos os projectos existentes. Um hotel — por exemplo. Mas um hotel que, de acôrdo com a orientação conhecida, seja qualquer coisa de novo, de original — que fuja á ideia preconcebida... de um hotel! E mais — o mais que a seu tempo virá...

Sexta-feira, Fão inaugurou, sem qualquer solenidade (em Fão de resto, o «solene» e o «cerimonioso» foram abolidos por desnecessários) inaugurou, dizíamos, o seu bar-restaurante. «Ofir» se chama êle, na recordação de uma lenda linda. E' obra, é iniciativa, também, dos homens-bons da progressiva praia. A metros apenas do mar, quasi por êle beijado, o bar-restaurante, que ostenta, numa das entradas, o seu «ex-libris» dos «cavalos de Fão», bem pode ser a pedra de toque do ar de renovação que tão benéficamente ali entrou. No estilo airoso e moderno que o local requeria, o bar dá-nos uma sensação de bem-estar, de comodidade, que nos cativa — que nos maravilha. Cores alegres — azul e vermelho por toda a parte casados. Ar e luz — a jorros. E uma vista que não tem igual! Fantástica! E lembrar-se a gente que tanto custou a descobrir Fão... A' noite, então, não há palavras que traduzam o que aquilo é. Nas trevas, o bar-restaurante, visto de longe, parece um grande transatlântico que navegue em procura de novas sensações, de novos prazeres. E' uma sinfonia de luz! Tanta — verdadeira e incandescente fogueira — que há dias ainda, pela escuridão da noite, já acorreram, em seu carro, prontos a prestar socorros, os bombeiros de Esposende!

O bar-restaurante, com pessoal habilitado, com um cozinheiro excelente, fez ontem e faz hoje as verdadeiras refeições inaugurais. Amanhã, abrirá ao publico. Será mais fim atractivo — um grande e prodigioso atractivo.